

O PORTUGUÊS DE CONTATO NO RÁDIO: ESTUDO DE CASO DE UM LOCUTOR DO SUL DO BRASIL

Elisa Battisti¹
Ana Paula Marques Barbosa²

RESUMO

Realiza-se um estudo de caso dos usos da linguagem de um locutor de rádio de uma comunidade de português brasileiro de contato com uma língua de imigração alemã (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011), o hunsriqueano (ALTENHOFEN; MORELLO, 2018). Analisa-se a estilização de identidades do locutor em eventos de alta *performance* (COUPLAND, 2007) em fala pública. A análise revela o uso intensificado, no português falado pelo locutor, de marcas linguísticas do contato com o hunsriqueano, para construir sua *persona* e criar efeitos de humor. Embora isso reforce estereótipos deletérios às línguas minoritárias, ajuda a fortalecer valores sociais ligados à formação sócio-histórica da comunidade.

Palavras-chave: língua minoritária, rádio, estilo linguístico, alta *performance*.

Introdução

O presente artigo dedica-se a uma dimensão social da linguagem, a alta *performance* (do inglês *high performance*, cf. COUPLAND, 2007), ou fala pública fortemente estilizada, e seu papel na promoção de línguas e culturas minoritárias no Brasil.

¹ Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, campus do Vale, Doutora em Letras, battisti.elisa@gmail.com.

² Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, campus do Vale, Especialista em Fonoaudiologia e mestranda em Letras, apaulambarbosa@gmail.com.

Examina-se a fala do locutor³ de uma emissora de rádio do interior do estado do Rio Grande do Sul (RS). A emissora localiza-se em Nova Petrópolis, município situado na região das “colônias velhas”⁴, a nordeste do RS, onde se estabeleceram, a partir de 1824, as primeiras colônias alemãs no estado. Na região usa-se, além do português, que é a língua majoritária e oficial do Brasil, uma língua de imigração⁵, “o Hunsrückisch – que, em português, passamos a denominar hunsriqueano (com /h/ aspirado)”⁶ (ALTENHOFEN; MORELLO, 2018, p. 17). O foco de interesse do artigo são, na locução em língua portuguesa, o uso que o comunicador faz de variantes do português de contato⁷ com o hunsriqueano, às vezes trechos inteiros de fala nessa língua de imigração, como recurso para a construção de uma *persona*⁸ sócio-historicamente enraizada e motivada.

A questão que norteia este artigo origina-se do limite tênue entre as metas da emissora de rádio – fidelizar os ouvintes, veiculando informação e entretenimento numa linguagem o mais próxima possível do público-alvo – e os estereótipos linguísticos de efeito estigmatizador (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2017) que assim podem ser criados e difundidos. Se, como afirma Labov (2008, p. 212), “sob extrema estigmatização, uma forma [linguística] se torna assunto de comentário social explícito e pode acabar por desaparecer”, pergunta-se: o fato de uma emissora de rádio local manter programas cujos locutores

³ Neste artigo, empregam-se os termos “locutor” e “comunicador” alternativamente. O locutor cuja fala será aqui analisada é do tipo apresentador-animador (cf. a lei brasileira nº 6.615, de 16/12/1978, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6615.htm, acesso em: 14/05/2021).

⁴ Embora se encontre registro da denominação *colônias velhas* em autores como Roche (1969), Altenhofen (comunicação pessoal) acredita que não se possa atribuí-la a um autor: “é uma construção coletiva, no mínimo iniciada na virada do século XIX para o XX, mais precisamente a partir de 1890, quando começou o processo de ocupação de novas áreas a noroeste do RS.”

⁵ De acordo com Altenhofen e Margotti (2011), uma *língua de imigração* origina-se fora do país (é alóctone) e é língua minoritária.

⁶ Altenhofen e Morello (2018, p.37) definem o Hunsrückisch “como uma língua de imigração, cuja base linguística provém essencialmente da matriz de origem no Hunsrück e Palatinado, no centro-oeste da Alemanha [...] engloba um contínuo de variantes linguísticas que se estende do francônio-moselano ([+dialetal]) ao francônio-renano ([+próximo do *standard*]) e que, ao longo de sua história no novo mundo, a partir de 1824, agrega influências de contatos linguísticos com demais variedades do alemão, em especial o *Hochdeutsch* local, e com o português e demais línguas faladas no entorno.”

⁷ Uma variedade de português de contato é “o português da comunidade bilíngue [...] variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área.” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 297-298). Adstrato, por sua vez, é “língua ou dialeto falado numa região contígua àquela em que se fala outra língua e que pode influenciar esta última, na fonética, na sintaxe e, sobretudo, no léxico” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 54).

⁸ Neste artigo, usa-se *persona* como a “imagem com que uma pessoa se apresenta em público” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1480).

estilizam fortemente sua fala, exagerando traços do português de contato com línguas de imigração, não estaria atuando contrariamente à promoção e difusão de culturas e línguas minoritárias?

O artigo discute essa questão analisando a alta *performance* do locutor Lindomar Ketzer em uma entrevista sobre o Programa do Xucruete, na Rádio Imperial FM 104.5, de Nova Petrópolis (RS). Há cerca de 20 anos, a emissora mantém seus índices de audiência impulsionados pelo comunicador e seu personagem, chamado Xucruete. Os objetivos da análise são verificar (a) os recursos linguísticos - variáveis fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, alternância de código - utilizados pelo comunicador em questão, (b) as atividades de fala⁹ nas quais os recursos são usados e estilizados, e (c) avaliar os potenciais efeitos da mobilização desses recursos no fortalecimento, ou não, de padrões sociolinguísticos e culturais locais.

O artigo mostrará que, de um lado, a alta *performance* do locutor torna salientes as marcas, no português, do contato com a língua de imigração, assim potencialmente contribuindo para fixar a estereotipia e estigmatização de seus usuários; no entanto, de outro, conforme Coupland (2007), a fala fortemente estilizada no programa de rádio tem como efeito relacionar os significados articulados no programa com os significados que definem a formação social e cultural mais ampla, assim contribuindo para reforçar práticas sociais e valores locais das comunidades abrangidas pela emissora.

Aborda-se inicialmente o rádio e a estilização da fala por locutores, quando se apresenta a noção de alta *performance* e os fundamentos da análise em Coupland (2001, 2007). Passa-se, então, a uma caracterização do português de contato com o adstrato alemão, com base em Altenhofen e Margotti (2011). Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos para, então, efetuar a análise e discussão dos resultados e encaminhar as considerações finais do artigo.

O rádio e a fala estilizada de locutores e comunicadores

⁹ Usa-se neste artigo o termo “atividade de fala” para referir o que se faz no desenrolar da interação pela fala, o objetivo que os participantes tentam atingir e que é a “unidade básica de interação socialmente relevante em termos da qual o significado é avaliado” (GUMPERZ, 2002, p. 151).

O rádio é instrumento de comunicação pública de grande alcance. Vem constituindo-se um forte representante dos veículos de comunicação tecnológica ao longo de gerações¹⁰, mantendo expressivos índices de audiência mesmo após a revolução digital.¹¹ O meio digital é hoje, inclusive, um coadjuvante nas transmissões de rádio.

No entanto, principalmente nas localidades onde o acesso aos meios digitais de comunicação é ainda limitado, as ondas do rádio são o que traz informação, entretenimento e o que liga pessoas e suas comunidades. É o que se observa no interior do Rio Grande do Sul, em comunidades fundadas por imigrantes europeus do século XIX até início do século XX. Nelas, falam-se ainda hoje línguas de imigração – variedades de italiano, alemão, polonês –, a despeito de o português ser a língua majoritária e oficial do Brasil. As emissoras de rádio dessas comunidades, especialmente em programas de entretenimento, exploram personagens humorísticos cuja fala em português incorpora traços do contato com línguas de imigração, ou eventualmente trechos de fala nessas próprias línguas, com o objetivo de gerar conexão afetiva com os ouvintes e, assim, alcançar maiores índices de audiência e fidelização. Em comunidades de línguas minoritárias, um comunicador de rádio que retrate o cotidiano local, os hábitos familiares, assim como as línguas e suas variações costuma ser bem acolhido pelos ouvintes. Isso porque, como explica Coupland (2001):

...falar "em" um dialeto é muito mais falar "através" de um dialeto e, portanto, endossar (talvez de forma fugaz e inconsistente) uma perspectiva inevitavelmente ouvida como representativa de um "estilo mental", uma formação social particular. Falar por meio de um determinado dialeto é

¹⁰ O rádio foi criado em 1892 pelo padre brasileiro Roberto Landell de Moura. Conforme Fornari (1960), Alencar (2003), Ferraretto (2012), o referido padre obteve a patente brasileira do invento em 1900 e, posteriormente, em 1904, a patente americana. A primeira transmissão de rádio do mundo foi realizada por Landell de Moura em 1893 em São Paulo. Conforme Alcides (1997), por iniciativa de Edgard Roquette-Pinto, pai da radiodifusão nacional, e Henrique Morize, juntamente com os membros da Academia Brasileira de Ciências, a radiodifusão iniciou-se no Brasil em 1923 na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, atual Rádio MEC. No Rio Grande do Sul, a Rádio Sociedade Rio-Grandense foi a primeira a ser inaugurada, no ano de 1924. De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações - MCTI (2020-2021), há no Brasil mais de 9.000 emissoras de rádio com outorgas. Dessas, 866 localizam-se no Rio Grande do Sul. Em Nova Petrópolis, a Rádio Imperial desenvolve sua programação desde 1989 “com o intuito de preservar a cultura dos imigrantes alemães que colonizaram a região”, conforme a emissora divulga em seu *site* oficial (<http://www.imperial.fm.br/> Acesso em: 14/05/2021).

¹¹ Segundo Tucci (2014), “revolução digital” diz respeito a transformações nos processos industriais devidas ao desenvolvimento da eletrônica digital, ao uso de computadores e sistemas de automação, ocorridas entre os anos de 1950 e 1970; e a mudanças nos sistemas de telecomunicação ocasionadas pela *internet* e tecnologias digitais a partir da segunda metade do século XX.

viabilizar que a fala seja interpretada a partir de uma posição cultural e social particular e contra o pano de fundo de um conjunto mais ou menos previsível de compreensões e pressuposições¹² (COUPLAND, 2001, p. 204). (Tradução nossa).

Utilizando-se do repertório linguístico local (PÜTZ, 1996) e, frequentemente, seu também, um locutor ou comunicador de rádio constrói um estilo próprio, sua *persona* enquanto locutor, preferentemente alinhada às comunidades abrangidas pela emissora em que atua. Afirmam-se, assim, suas conexões locais.

É relevante registrar, no entanto, que a estilização da fala de um locutor, mesmo daquele que fala línguas de imigração ou emprega traços, em português, do contato com línguas de imigração, é limitada pelo próprio domínio¹³ de sua atuação, o rádio, bastante influenciado pela língua oficial e pelas normas que a regem, as da gramática tradicional ou normativa. Manuais de telejornalismo como o de Kyrillos (2005) buscam, de um lado, padronizar as formas linguísticas empregadas pelos locutores, de outro, adequá-las aos objetivos dos programas, a depender do público-alvo. Face a essas imposições institucionais, orientadas à linguagem padronizada, como é possível, então, que um personagem como o Xucrute, que incorpora a versão estereotipada do descendente de imigrantes alemães no Brasil, inclusive na fala, seja construído no rádio e por ele veiculado?

A resposta está na noção de alta *performance* (do inglês *high performance*), de Coupland (2007). Segundo o autor, qualquer falante, nos usos cotidianos da linguagem, assume diferentes estilos de fala com base num conhecimento, se não consciente, tácito, das possibilidades de fala e, mais importante, dos resultados sociointeracionais das escolhas linguísticas nos estilos construídos. É o que o autor chama de *performance* mundana. Na alta *performance*, o que muda é especialmente a intensidade ou exagero na realização de certos

¹² No original (COUPLAND, 2001, p.204): "...to speak 'in' a dialect is very much to speak 'through' a dialect, and so to endorse (perhaps fleetingly and inconsistently) a perspective that is inevitably heard to represent a 'mind-style', a particular social formation. To speak through a particular dialect is to offer the interpretation of speaking from a particular cultural and social position, and against the background of a more or less predictable set of understandings and presuppositions."

¹³ De acordo com Fishman (1965), "domínios" são as diferentes esferas de atividades sociais em que a linguagem é usada: família, escola, igreja, trabalho etc. Geralmente, em comunidades multilíngues, situações de contato linguístico ocorrem "fora de casa", em domínios que não o familiar, que rege a língua materna.

traços característicos quando o falante está engajado em eventos públicos limitados temporal e espacialmente.

Na alta *performance*, o falante, intensificando alguns traços, direciona o foco de atenção dos ouvintes para as formas linguísticas de modo a evocar certos significados sociais (re)conhecidos pelo público ao realizar atividades de fala específicas – por exemplo, contar uma piada – e, assim, alcançar certos objetivos – como entreter, informar, alertar, por exemplo. O ouvinte, por seu turno, percebe um personagem como o Xucrute, construído pela alta *performance*, como uma alusão à realidade, uma ficção. Toma a intensificação das formas como exagero intencional porque interpreta e ratifica a atividade de fala: por exemplo, compreende que é uma piada e ri dela. Ou seja, o ouvinte compreende que o Xucrute não é real, embora faça alusão a aspectos linguísticos e socioculturais de sua comunidade.

Isso é possível porque, conforme Bourdieu (2008 p. 69), “nós aprendemos a falar não apenas ouvindo uma certa maneira de falar, mas também falando e, portanto, oferecendo um falar determinado num mercado determinado”, onde as formas adquirem valor social e têm eficácia simbólica.

No campo da comunicação social, o lucro simbólico que uma emissora de rádio local adquire quando explora personagens como Xucrute converte-se em lucro financeiro. Nesse jogo de interesses, a atuação do locutor pode ter efeitos sobre as línguas e culturas de imigração. É o que se busca esclarecer com a análise e discussão empreendidas no artigo. Antes, é preciso abordar as marcas, no português, do contato com o hunsriqueano que o locutor em questão pode mobilizar ao construir sua *persona* e compor o Xucrute.

O português de contato com o adstrato alemão

Conforme Altenhofen e Margotti (2011), o português de contato com línguas alemãs de imigração apresenta traços fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais característicos. Entre eles, estão os seguintes:

(a) no nível fonético-fonológico: realização do “r-fraco” (tepe alveolar [r]) em lugar de “r-forte” (vibrante múltipla alveolar [r], fricativa velar [x] ou fricativa glotal [h]), como em *ca[r]oça* por *ca[r]oça*; a não realização do ditongo nasal, como em *p[õ]n* por *pão*; não

palatalização de /t/ e /d/, como em [d]ia e [t]ia; desvozeamento das oclusivas sonoras, como em [t]etergente, [p]atata, [k]ostoso; alongamento da vogal tônica antes de consoante sonora, como em *estr[a:]da*

(b) no nível morfossintático: diferenças na expressão de modalidade, com empréstimo de partículas modais como *eemo* ou *mo* (significando *uma vez*); na flexão verbal, emprego de um tempo por outro, como em “*Ontem eu **comprava** dois sacos de adubo*”, em lugar de “*Ontem eu **comprei** dois sacos de adubo*”

(c) no nível semântico-lexical: não distinção entre *emprestar* e *pedir emprestado*, como em “*Acabou o açúcar, vou **emprestar** do Pedro*”, em vez de “*vou **pedir emprestado** pro Pedro*”; empréstimos lexicais como *chimia* (de *Schmier*), para queijo tipo Quark; *clica* (de *Klicker*), para bolinha de gude.

Estudos como os de Lara e Battisti (2014), Borella (2014), Lara (2017), entre muitos outros, mostram que esses traços são mais frequentes no português de falantes idosos, de menor escolaridade, com algum grau de bilinguismo português-língua de imigração alemã, habitantes das zonas rurais dos municípios e cujas ocupações desenvolvem-se também nas zonas rurais. Temos, assim, não só um português típico, mas também um perfil social do falante típico, explorado tanto no comportamento linguístico quanto na fala altamente estilizada do locutor aqui estudado.

Metodologia

A análise aqui efetuada é um estudo de caso, ou “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 1999, p. 72-73). Analisam-se 8 excertos de fala do locutor que interpreta o Xucrute, Lindomar Ketzer, Locutor 2 (L2), numa entrevista a outro locutor da mesma rádio, Luis Alberto Reidel, Locutor 1 (L1). Trata-se de um vídeo de 7min2seg de duração, de acesso público na plataforma *online* YouTube pelo canal Rádio Imperial¹⁴, mantido pela emissora homônima. Intitula-se “O Programa do Xucrute” e foi veiculado em 03 de junho de 2020.

¹⁴ O material analisado está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iWF6YCRcTns> (acesso em 14/05/2021). A população do município onde se localiza a Rádio Imperial, Nova Petrópolis, estimada em 2020 pelo IBGE em 21.536 habitantes (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-petropolis/panorama>, acesso em:

Os excertos contemplam depoimentos de L2, em português, sobre a concepção do Xucru e seu programa. Os depoimentos ocorrem em uma entrevista conduzida por L1. Um dos excertos traz L2 expressando-se em hunsriqueano, no mesmo tom de brincadeira usado por ele no Programa do Xucru.

Os procedimentos metodológicos empregados no exame dos excertos seguem a sugestão de Coupland (2001), de usar um aparato de análise mais amplo, flexível e interpretativo. Segue-se o exemplo fornecido por esse mesmo autor (COUPLAND, 2001), cumprindo-se as seguintes etapas analíticas: (i) dividir a gravação do programa em excertos ou unidades de estruturação, como apresentação de convidados, comentários de ouvintes, leituras de cartas etc. Assim, chegou-se aos 8 excertos aqui analisados; (ii) transcrever a sequência de fala em cada excerto. Para tanto, utilizam-se as convenções da análise da conversa de base etnometodológica (quadro 1), apresentadas em Ostermann (2012). Além dessas convenções, usa-se negrito para destacar grafemas cuja pronúncia é sugerida pela própria letra ou símbolos fonéticos, quando a letra é incapaz de sugerir a pronúncia em questão; (iii) distinguir diferentes funções comunicativas e modos de discurso no programa, ação que o próprio autor considera desafiadora. Por isso optamos, em lugar disso, por distinguir atividades de fala realizadas nos excertos e os objetivos dos interactantes ao realizá-las; (iv) tecer generalizações sobre as tendências de uso das variantes de interesse – em nosso caso, marcas, no português, do contato com o hunsriqueano e, eventualmente trechos inteiros nessa língua (alternância de código) – em relação às atividades de fala realizadas pelo locutor e às *personae* assim construídas.

Quadro 1 – Convenções de transcrição

[texto]	Falas sobrepostas
=	Fala colada
(.)	Micropausa
,	Entonação contínua
.	Entonação ponto final
?	Entonação pergunta
-	Interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som

14/05/2021), concentra-se na faixa etária de 30 a 60 anos e distribui-se quase equivalentemente entre homens e mulheres. A localidade atesta índice de alfabetização de 98,8%, sendo de nível fundamental a escolaridade da maioria da população.

>texto<	Fala mais rápida
<texto>	Fala mais lenta
°texto°	Fala com volume mais baixo
TEXTO	Fala com volume mais alto
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(texto)	Dúvidas
XXXX	Texto inaudível
((texto))	Comentários da transcritora
@@	Risada
↓	Entonação descendente
↑	Entonação ascendente

Fonte – Ostermann (2012, p. 40)

O Programa do Xucrute é o tema do vídeo. Nele, L2 e L1 explicam que o personagem retrata um descendente de imigrantes alemães. O Programa do Xucrute, veiculado no final das manhãs de sábado, coincide com a rotina de almoço familiar aos finais de semana, permitindo sua apreciação, pelos ouvintes, em momentos em que geralmente estão no ambiente familiar, domínio de uso da língua materna, segundo Fishman (1965).

Análise e discussão dos dados

O vídeo inicia com os bastidores da transmissão no estúdio da rádio, mostrando os dois apresentadores em frente aos seus microfones. Ambos vestem-se casualmente. No entanto, L2, que dá vida ao personagem Xucrute, apesar da roupa casual, usa um chapéu de *kerbfest* característico da indumentária festiva alemã, em uma clara referência à identidade alemã. Como explica Bourdieu (2008, p. 198), “... os agentes apreendem os objetos através dos esquemas de percepção e de apreciação de seus *habitus*” e “a identidade social define-se e afirma-se na diferenciação” (BOURDIEU, 2008 p. 164), o que justifica a ostentação de símbolos de pertença sociocultural de L2.

O tema de abertura do programa é uma música instrumental característica de festas da comunidade de imigração alemã. L1 faz abertura em português, dirigindo-se a L2, que já interpreta o Xucrute. Este último usa máscara descartável facial devido às medidas sanitárias de proteção adotadas em razão da pandemia de coronavírus, o que impede a leitura labial e dificulta a compreensão de alguns trechos em alemão. O programa inicia conforme transcrito a seguir, no excerto 1.

Excerto 1: ¹⁵

01	L1:	ALÔ XUCRUTI BON DI @I @IA. ((entre risos))
02	L2	°oi° ((olha ao redor))
03	L1:	quê qu' é [isso?] ((referindo as câmeras e filmagem))
04	L2:	((da lund est?))
05	L1:	[até] nu iutubi né? até nu iutubi
06	L2:	°ãñ° ((confuso))
07	L1:	é issu te explico otra hora (.) IU <u>Th</u> U[<u>B</u> h] ((com aspiração das oclusivas))
08	L2:	[a:]Iu <u>th</u> u <u>b</u> h.
09	L1:	Iu <u>th</u> u <u>b</u> h [né?]
10	L2:	[Jogu]rt habe ich heit kee enne k[auft]
11	L1:	[é?]
12	L2:	[é] (.) nee brauch doch net
13	L1:	esse é o tradicional programa Luis Alberto e Xucru <u>t</u> i ((encerra cena))

No excerto 1, L1 faz a abertura do programa exagerando a não palatalização de /t/ e /d/ em “bom [d]ia, Xucru[t]e” (linha 01), traço não observado nas linhas 07 e 13. L2 responde em português. Coupland (2001 p.197) afirma que, se assumimos um certo modo de falar que convirja estilisticamente a um interlocutor, reduzimos diferenças (socio)linguísticas. Observamos esse posicionamento por parte de L2 quando busca aproximação também com os ouvintes, falantes do português, em sua saudação inicial. Entre as linhas 07 e 09, L1 menciona e repete *YouTube* hiperarticulando as consoantes oclusivas, inclusive com aspiração, pronúncia que soa alemã, o que desencadeia o uso do hunsriqueano por L2 (linhas 10 e 12) ao fazer um trocadilho com as palavras “*YouTube*” e “*Jugurt*”, essa do hunsriqueano.

Na sequência do vídeo (excerto 2), há corte de cena para a sala de reuniões da emissora. L1 e L2 sentam-se em lados opostos da mesa para a entrevista. L2, já sem máscara, segue com seu chapéu de *kerbfest*. L1 inicia a fala, explicando a razão da entrevista: para um vídeo comemorativo ao sucesso do personagem Xucrute, há mais de 20 anos no ar.

¹⁵ No excerto 1, *Jogurt, habe ich heit kee enne kauft* (linha 10) significa 'iogurte, eu não comprei hoje'; *nee brauch doch net* (linha 12) significa 'não, não precisa'. Transliteração e tradução de Gabriel Schmitt.

Excerto 2:

01	L2:	[se não chovê-]
02	L1:	como é que tá ent[ão?]
03	L2:	[se não] chovê sai sábados esse horário,
04		se chovê tam[em]
05	L1:	[tu] não vai falar em alemão então aqui no vídeo [né] @
06	L2:	[não,]
07		depois eu vô fazê uma saudação to[da especial]
08	L1:	[até pra todos] entenderim
09		na região <u>italiana</u> tam[bém]
10	L2:	[a, sim-]
11		a <u>grande</u> curiosidade é <u>quando</u> começou o Xucru <u>ti</u>
12	L1:	[é,]
13	L2:	issu faz mais de 20 anos,
14		e <u>como</u> surgiu <u>porque</u> que surgiu
15		e essa história toda eu acho que, merece ser contada né?

Ambos os comunicadores nasceram em municípios sul-riograndenses outros que não Nova Petrópolis: L2 em Santa Cruz do Sul, L1 em Maratá. Essas cidades são de base étnica alemã e situam-se em áreas de fala do hunsriqueano (cf. ALTENHOFEN; MORELLO, 2018). O português por eles falado é bastante característico do português de contato com a língua de imigração. Como ressalta Bourdieu (2008, p. 77), “a sociolinguística espontânea mostra o quanto uma fonologia diferencial não deveria jamais omitir a reflexão a respeito dos traços articulatórios característicos de uma classe ou de um setor de uma classe”, traços esses, como se verá, presentes na fala espontânea (*performance* mundana) e exagerados na fala do personagem (alta *performance*).

No excerto 2, linhas 01, 03 e 04, L2 fala português num estilo mais monitorado (LABOV, 2008), ao fazer comentários e réplicas a L1. Com uma pergunta, L1 avisa L2 indiretamente para não falar a língua de imigração, que ele chama simplesmente de “alemão” (linha 05), salientando a importância do português para que todos da região de abrangência da rádio possam entender, inclusive na comunidade italiana. Quando L1 faz essa afirmação,

usa r-fraco (tepe alveolar [r]) no início da palavra *região*, marca do português de contato. O traço pode ter sido empregado por L1 por associação com a temática abordada, a região e o público regional. L2 produz desvozeamento leve de /d/ em “depois” (linha 07), “grande” e “curiosidade” (linha 11), “de” (linha 13), ao contextualizar o depoimento, numa *performance* mundana do português local. Além disso, não apresenta palatalização de /t/ em “Xucrute” (linha 11) e “vinte” (linha 13) quando menciona formalmente a criação do programa.

Na sequência do vídeo, os interlocutores seguem contando a história da criação do personagem e tecem considerações sobre as características do mesmo, conforme o excerto 3.

Excerto 3:

01	L2:	tudo começou com uma <i>viagim</i> que eu e o Luís fomos fazer a Porto Alegre
02		<com o caro da rádio <i>A serviço</i> da rádio>
03		pra <i>intregá</i> documentação <i>on nu</i> ministér das comunicações
04	L1:	exato:
05	L2:	>como o ministér das comunicações fica lá perto da assembleia legislativa<
06		<aquele movimento doido, nunca tem lugar pra estacionar>
07		>eu disse não, vam' fazê o <i>seguind</i> nós vamos estacionar o caro
08		logo aqui na entrada da cidad< <depois da rodoviária
09		vomos <i>dejá</i> no estacionamento, vomo a pé até lá>
10		>puquê <i>nóis</i> temo <i>tempo</i> pa entregá não vamo se <i>estressá</i> <
11		e ainda vamos pode olhar né as portoalegre:nses,=

No excerto 3, L2 faz uma narrativa, estilo de fala que, numa entrevista sociolinguística, segundo Labov (2008), seria o mais casual possível. De fato, um primeiro olhar ao excerto parece sugerir que L2 reduz o grau de monitoramento, assim realizando mais marcas de contato com a língua de imigração. No entanto, o depoimento de L2 não ocorre numa entrevista laboviana. É um evento de fala pública, de celebração do programa do Xucrute. L2 fala português de contato estilizado, no espírito do personagem, com formas não tão exageradas quanto na alta *performance*, mas usando mais frequentemente traços do contato e mobilizando variantes não incluídas na lista de traços do adstrato alemão no português, de Altenhofen e Margotti (2011), como o apagamento de vogal átona final (linhas 07 e 08), o vozeamento da fricativa palatoalveolar /ʃ/. Ou seja, mesmo apenas relatando as

circunstâncias de surgimento do personagem, L2 promove alta *performance*, isto é, o uso de variantes efetivamente produzidas na comunidade, mas numa proporção maior, ou de modo mais intenso ou exagerado, por se tratar de fala pública em que está em jogo sua *persona* como locutor.

Em um estilo de fala aparentemente mais monitorada, os locutores contam, no excerto 4, que o Xucrute foi inspirado no personagem Radicci, criação do cartunista, radialista e humorista Carlos Henrique Iotti. Santos (2001) explica que Radicci, surgido por volta de 1983, é um anti-herói:

por seu carisma e representatividade, tornou-se um símbolo da região colonial italiana. Baixinho e gordo, preguiçoso, grosseiro, flatulento, com hábitos alimentares e higiênicos controversos, apreciador de vinhos e afeito a caçadas e pescarias, esse personagem é a personificação caricata do descendente de imigrantes italianos da RCI [Região de Colonização Italiana] [...] o personagem prende o leitor/ouvinte pelo humor (SANTOS, 2001, p. 30; 34).

É importante destacar que a RCI é limítrofe à antiga região colonial alemã, onde se situa Nova Petrópolis, e que o Radicci, considerado um representante dos descendentes de imigrantes italianos, é uma caricatura¹⁶, um tipo social regional de que o público ri. Os locutores tiveram a ideia de criar um personagem análogo ao Radicci ao atravessarem, atrapalhadamente, uma rua movimentada da capital gaúcha (excerto 4).

Excerto 4:

- | | | |
|----|-----|---|
| 01 | L2: | aí eu disse, mas vem cá |
| 02 | | nós podia fazê um personagem alemão |
| 03 | | já que os italiano tinha já o personagem deles lá né= |
| 04 | | que não, não custa tamém falar lá no nosso amigo raditji , né |
| 05 | L1: | radzi:tji |
| 06 | L2: | nóis podia criá tamém um personagem assim |
| 07 | | aí surgiu a ideia, >.pá, realmente. |
| 08 | | e aí começamos a pensar sobre o assunto< |

¹⁶ O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define caricatura como “desenho de pessoa ou de fato que, pelas deformações obtidas por um traço cheio de exageros, se apresenta como forma de expressão grotesca ou jocosa; reprodução deformada de alguma coisa; indivíduo de aparência ou de maneiras ridículas; representação em que se figuram pessoas e se apresentam caracteres e fatos de maneira grotesca e cômica” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 405).

09	na volta falando a respeid
10	no sábado nós estreiamos o programa <modéstia à parte né>
11	e deixamos pros ouvintes escolher o nome

Observam-se no excerto 4 não só marcas do contato com a língua de imigração – a realização de r-fraco em contexto de r-forte (linhas 04, 05, 07, 09), o apagamento de vogal átona final com vozeamento de /t/ (*respeid*, linha 09), além da não vocalização de /l/ em final de sílaba (*vo[l]ta*, linha 09) – mas também ditongação de vogal tônica em sílaba fechada por /S/ mais ausência de concordância verbal na realização *nóis podia* (linhas 02 e 06), além da queda de /b/ em início de sílaba (*tamém*, linha 06), da não realização da desinência de plural (linha 03), apagamento da desinência verbal de infinitivo (linhas 02 e 06), traços registrados por Amaral (1955) como peculiares ao dialeto caipira do português brasileiro e que, mais tarde, conforme Bortoni-Ricardo (2011), foram levados, pelas migrações internas, das áreas rurais para a periferia dos grandes centros urbanos, compondo o que a autora veio a chamar de variedades *rurbanas* de português. Ou seja, observa-se, especialmente na fala de L2, a mobilização tanto de recursos linguísticos ligados ao contato do português com o adstrato alemão quanto traços de variedades rurais de português, não atribuíveis ao contato com a língua de imigração. A alta *performance* está aí: L2 usa um somatório de recursos linguísticos para intensificar a sinalização da identidade em questão, não apenas na composição caricatural do personagem, mas também no relato de sua criação.

Chama atenção, ainda no excerto 04, linha 04, o fato de L2 produzir *Radicci* com /d/ não palatalizado e com [tʃ] (/t/ palatalizado) no início da última sílaba, como se espera na pronúncia em italiano, enquanto L1 produz /d/ palatalizado ([dʒ]) na mesma palavra (linha 05). Isso mostra que L2 controla, em alguma medida, a realização fonético-fonológica das formas linguísticas, a depender de seus respectivos universos de referência. Ele transita de modo relativamente autônomo entre as culturas alemã e italiana, o que confirma estarmos diante de uma atuação, de uma *performance* de L2 em evento de fala pública.

A análise do excerto 05 revela por que, a despeito da natureza caricatural e debochada do Xucrute, o personagem tem boa aceitação local. Na sequência da entrevista, L2 explica os temas abordados no programa. O excerto 05 inicia-se após L1 informar que

não são selecionados assuntos específicos, que devam ser seguidos à risca no desenrolar do programa.

Excerto 5:

01 L2: [a gente aproveita] pra divulgar as festas da região
02 dependendo da época do ano
03 **ɖ**ia do colono, **ɖ**ia do motorista ã:
04 **ɖ**ia das mães, **ɖ**ia dos namorados, natal, ano novo
05 sempre algum assunto entra
06 e muitas **veis** a piada é em cima **ɖ**isto
07 L1: o grande **ɖ**iferencial em **h**elação >às vez's< a outros programas
08 o Xucru**f**i: debocha >entre aspas< dele nunca do alemão né
09 L2: sim, porque isso [a:] ((levanta o chapéu e coça a cabeça))
10 L1: [por] isso que fala em alemão
11 >eu traduzo um pouquinho<

No que se refere à realização das formas linguísticas, destaca-se no excerto 05 a variação intraindividual de L1: ele produz fricativa glotal [h] em início de sílaba no começo da palavra (linha 07), não mais tepe alveolar [r], e pronuncia o nome do personagem Xucrute com /t/ palatalizado (linha 08), quando, no excerto 01 (linha 13), produziu esse mesmo nome sem palatalização. Embora L2 siga realizando r-fraco (tepe alveolar [r]) em lugar de r-forte, também ele promove palatalização de /t/ em Xucrute (excerto 2, linha 13) e, no excerto 5, palatalização de /d/ (linhas 03, 04). A palatalização é, no português brasileiro, conforme Noll (2008, p. 67), “um fenômeno urbano, o qual possui hoje o *status* de um padrão supra-regional”. Ou seja, tanto L1 quanto L2, no excerto 5, mobilizam formas mais urbanas do que rurais quando, em um tom mais sério, esclarecem a seleção dos temas. É o que os locutores tornam relevante entre as linhas 07 e 13 e explica o fato de o público da rádio gostar do Xucrute, mesmo sendo a caricatura que é: as piadas são sobre o próprio Xucrute, não sobre os descendentes em geral. Esses são referidos de forma genérica como “o alemão” na linha 08 do excerto 5. É o que se confirma no excerto 6, que ocorre após L2 explicar, em tom sério, que é devido ao respeito à comunidade alemã que ele criou a região fictícia “Morro da Pipoca” para situar as peripécias de seu personagem. É uma vizinhança onde Xucrute tem seu bar,

sua mãe, que ralha com ele, pois é muito atrapalhado, e seu amigo, o Mebe. No excerto 6, apenas L2 fala.

Excerto 6:

01 L2: não, e muitas vez o pessoal pergunta
02 mas vem cá, esse tal de *Puffmiljeberg*
03 seria o Moro das Pipoca. ond' é que existe- ((pergunta))
04 >.não isso não existe é tudo fictício <
05 e tudo que é ruim, tudo que é essas coisa assim sabe acontecím lá
06 **intom** ninguém pode >.sei lá.< se ofender
07 porque eu nunca v^ô citar o nome **de** uma cidade, uma pessoa
08 pra denegrir, não- aí é pra fazer realmente fazer a piada
09 e quando as coisas são assim meio esdrúxulas
10 aí entra o Moro da Pipoca, por isso, Moro da Pipocæ

No excerto 6, observam-se mais uma vez características do português de contato com a língua de imigração: L2 usa o /d/ não palatalizado na linha 07, r-fraco em lugar de r-forte (linhas 08 e 10) e não realiza ditongo nasal em *então* (linha 06). Já o excerto 7 ilustra outro propósito do Programa do Xucrute: não apenas fazer rir, mas também informar.

Excerto 7:

01 L1: o programa do Xucrute não é só humor
02 às vez tem vários [momentos e: que que:]
03 L2: [não- logicamente quando] a coisa
04 é séria tem que ser sério
05 L1: coro[navírus e tal]
06 L2: [exatamente] ((assente com a cabeça))
07 L1: a gente nunca levou pra: pra pia[da]
08 L2: [não-]
09 L1: [mu]ito pelo contrário
10 L2: foi mencionado num programa
11 L1: [pra usá máscara]
12 L2: [dois ou três pro]gramas atrás mas não em forma de piada [né]
13 L1: [é e]

14 pra evitar aglomeração também
 15 pr'aquelas pessoas de mais idade entenderem melhor através do Xucrute
 16 alguns podem ter dificuldade no: no rádio e na televisão em ouvir

Na fala de L1 no excerto 7, não há ocorrência de palatalização durante o uso do português. Há o uso de r-forte como vibrante múltipla alveolar [r] em *rádio* (linha 16).

No excerto 8, está o encerramento da entrevista. L2 finalmente interpreta o personagem Xucrute e fala a língua de imigração, fazendo brincadeiras com L1 sobre a confusão entre as palavras *You Tube* e “*Jugurt*”. Xucrute comenta a dúvida de um ouvinte, se seria “pra comer ou pra beber” pois “soam do mesmo modo” (fazendo sinal para a orelha).

Excerto 8: ¹⁷

01 L2: <té te> Ja, weest du, siehst du. Jogurt esse ich nur dehemm.
 02 Wenn die soohn dann jetzt immer Youtuber, Youtube
 03 XXXXXXXX [(ca fala das non intendo) was soll das sinn?] ((aponta cabeça))
 04 L1: [NÃO MISTURA O IOGURTE, MAI QUE] COISA:
 05 L2: Ja, awer das heert sich graad so an ((faz sinal para a orelha))
 06 > de anner het gesooht: is das de Youtube
 07 L2: etwas zu esse orer is das was zu trinke? < ((sinal de beber com o polegar))
 08 L1: não é pra comer, não, é pra beber
 09 é pra assistir YouTube **Rádio Imperial**
 10 L2: unn das ka'mma gucke
 11 wo de gross Pein is: de Computador
 12 L1: [é:]
 13 L2: [com]putador. Já

¹⁷ No excerto 8, *Ja, weest du, siehst du. Jogurt esse ich nur dehemm* (linha 01) significa “é, tu sabe, iogurte, eu só como em casa”; *Wenn die soohn dann jetzt immer Youtuber, Youtube* (linha 02), “Hoje eles dizem *youtuber*, *Youtube*, o que é isso?”; *was soll das sinn?* (linha 03), “o que é isso?”; *Ja, awer das heert sich graad so an* (linha 05), “Sim, mas soa do mesmo jeito!”; *de anner het gesooht: is das de Youtube*, (linha 06), “Teve um que disse esses dias: o Youtube”; *etwas zu esse orer is das was zu trinke?* (linha 07) “é para comer ou para beber?”; *unn das ka'mma gucke* (linha 10), “E isso dá para assistir”; *wo de gross Pein is: de Computador* (linha 11), “onde está a grande dor: o computador.”; *Kann auch sinn* (linha 15), “Também pode ser.”; *Liewe Leit, lass eich gut gehen Danke shen das ke kukta Net vergesse muss man druffdricke wo (deTÓM) so komme tut, dann kommt das richtig hin: sheen end Ri:chtig* (linhas 18-20), “Querido pessoal, tudo de bom! Muito obrigado por terem assistido. Não esqueçam, têm que apertar onde aparece o dedão, aí funciona. Final bonito: Certo!” Transliteração e tradução de Gabriel Schmitt.

14	L1:	computador é uma grande dor de barriga, com <u>puta</u> dor ((risos))
15	L2:	[↓Kann auch sinn]
16	L1:	[por isso que] ele fala [isso]
17	L2:	[Ja:]
18		Liewe Leit, lass eich gut gehen Dan↑ke shen das ke kukta Net vergesse
19		muss man druffdricke wo (de↓TÓM)((“dedão” e sinal de positivo com o polegar))
20		so komme tut, dann kommt das Ri:chtig hin: sheen end (.) [ri:ch]ti:g-
21	L1:	ri:[chti:g] (.) Sheen bonito tcha:u

No excerto 8, L2 fala a língua de imigração para fazer humor sobre termos da *internet* e sua semelhança com algumas palavras do hunsriqueano, como também para agradecer pela audiência e orientar ao público como acompanhar a rádio através das redes sociais digitais.

Considerações finais

O estudo de caso realizado neste artigo voltou-se ao uso da linguagem por locutores de rádio em comunidades falantes de português brasileiro de contato com línguas minoritárias, as chamadas línguas de imigração. Com base na ideia de estilização da identidade em eventos de alta *performance*, analisaram-se dados de fala pública do locutor Lindomar Ketzer, criador do personagem Xucrute, da Rádio Imperial 104.5 FM de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, município em que houve e ainda se observa o contato do português com a língua de imigração hunsriqueano. A análise do português falado pelo locutor tanto em entrevista quanto na interpretação do personagem Xucrute revela o uso, intensificado e estilizado, de marcas linguísticas do contato com o hunsriqueano para construir a *persona* do locutor e criar efeitos de humor.

A análise mostrou a alta *performance* do locutor ao interpretar o Xucrute e ao falar sobre o personagem humorístico. Ao mesmo tempo, revelou a preocupação do locutor em localizar o motivo do riso no personagem em si, não na coletividade dos descendentes de imigrantes alemães. Ou seja, não se ri do Xucrute porque ele é descendente de alemães, mas do que acontece com ele. Nesse sentido, os traços transferidos da língua de imigração ao

português, e a própria língua de imigração, apenas contribuem para a criação do personagem, não são foco de ridicularização. Isso autoriza a conclusão de que, embora personagens como o Xucruete sejam caricaturas, contribuem para a difusão de línguas e culturas minoritárias, não necessariamente para sua estigmatização.

Assim, embora a alta *performance* e o humor frequentemente associados ao personagem do imigrante concorram para o reforço de estereótipos deletérios às línguas minoritárias, o exercício de projeção de identidade que a linguagem ajuda a realizar fortalece práticas e valores sociais ligados à formação sócio-histórica da comunidade.

Referências

ALCIDES, Jota. *PRA-8 - O Rádio no Brasil*. Brasília: Fatorama, 1997.

ALENCAR, M. S. *Historical Evolution of Telecommunications in Brazil. Project 2002-076 - Final Report*, IEEE Foundation, Piscataway: USA, 2003.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato das línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosângela. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Garapuvu, 2018.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática – vocabulário*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda., 1955.

BORELLA, Sabrina Gewehr. *"Tu dampém fala assim?" Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. 2014. 204 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Trad. Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

COUPLAND, Nikolas. *Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics*. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.185-210.

COUPLAND, Nikolas. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FERRARETTO, Luiz A. Roberto Landell De Moura, o pioneiro brasileiro das telecomunicações. In: KLOECKNER, Luciano; CACHAFEIRO, Manolo. (Orgs.). *Por que o padre Roberto Landell de Moura foi inovador?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p.38-40.

FISHMAN, Joshua A. Who speaks what language to whom and when? *La Linguistique*, v. 1, n. 2, p. 67-88, 1965.

FORNARI, Ernani. *O incrível padre Landell de Moura*. Porto Alegre: Globo, 1960.

FROSI, Vitalina M.; FAGGION, Carmen M.; DAL CORNO, Giselle O. M. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, 2017.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. Trad. José Luiz Meurer e Viviane Heberle. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 149-182.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-petropolis/panorama> Acesso em 03/05/2021.

KYRILLOS, Leny Rodrigues. Fonoaudiologia e telejornalismo. *Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

LARA, Claudia Camila; BATTISTI, Elisa. O *voice onset time* das plosivas do português brasileiro em contato com o *Hunsrückisch* e seu desvozeamento variável. *Revista Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 39-50, jan./mar. 2014.

LARA, Claudia Camila. *Variação fonético-fonológica e atitudes linguísticas: o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o Hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil*. 2017. 155 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-

Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.

OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da conversa: o estudo da fala-em-interação. In: OSTERMANN, Ana Cristina; MENEGHEL, Stela N. (Orgs.). *Humanização, gênero, poder: estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. p. 33-43.

PÜTZ, Martin. Sprachrepertoire/Linguistic repertoire. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter. (Eds.). *Sociolinguistics* – v. 1. Berlim/Nova York: De Gruyter, 1996. p. 226-232.

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, 2020-2021. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/indicadores/detalhe/dados_setor_comunicacoes/Dados-do-Setor-de-Comunicacoes.html Acesso em: 13/05/2021.

ROCHE, Jean. 1969. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ed. Globo, 1969. Tomos I e II.

SANTOS, Salete Rosa P. dos. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo*. 208 fls. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

TUCCI, Linda. Information age. *SearchCIO TechTarget*, 2014. Disponível em: <https://searchcio.techtarget.com/definition/Information-Age> Acesso em 14/05/2021.

THE PORTUGUESE RADIO CONTACT: CASE STUDY OF A SOUTH BRAZILIAN ANNOUNCER

ABSTRACT

Case study of the speech of a radio entertainer from a community where Brazilian Portuguese is in contact with a German immigration language (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011), *Hunsrückisch* (ALTENHOFEN; MORELLO, 2018). The stylization of identities of the radio entertainer in high performance events (COUPLAND, 2007) in public speech data is analyzed. The analysis of the Portuguese language spoken by the radio entertainer reveals the intensified use of linguistic marks of

contact with *Hunsrückisch* to build his persona and create humorous effects. Although this reinforces harmful stereotypes to minority languages, it helps to strengthen social values linked to the socio-historical formation of the community.

Keywords: minority language, radio, linguistic style, high performance.

Recebido em 25/05/2021.

Aprovado em 09/08/2021.